

Mais denúncias sobre exploração dos índios na reserva de Xapecó

Xanxerê (do enviado especial Marcos Bedin) — denúncias de espoliação do patrimônio indígena, perseguições, ameaças, espancamentos, prisões e expulsões de índios foram feitos, nesta cidade, à funcionários da Funai e ao cacique da reserva Indígena Xapecó.

O autor das denúncias é o índio caingangue Avelino Alipio Fongreh, de 57 anos de idade, pai de sete filhos e ex-Gerente da serraria que a Fundação Nacional do Índio mantém na sede do posto para extração da madeira que constitui o patrimônio dos índios.

Fongreh, expulso da área em onze de agosto deste ano, acusou "o Cacique José Domingos Paliano, o Executor Isaltino Luis Serpa Silvério, o Auxiliar Administrativo João Serpa Silvério e o índio Adão Ferreira de promoverem arruaças, espancarem e prenderem os irmãos guaranis e caingangues.

Há um perigo iminente de revolta na Reserva Indígena Xapecó em decorrência das arbitrariedades que o Cacique José Domingos Paliano vem praticando. "o cacique não é caingangue nem guarani, não fala nem cultura os hábitos indígenas e vem sendo odiado pelos índios face as suas ações brutais e violentas", segundo denunciou Fongreh em documento também enviado ao Delegado Regional da Funai, em Curitiba.

Avelino Fongreh gerenciou a serraria da Funai no período de primeiro de janeiro de 1977 a onze de agosto de 1980. Abandonou a gerência depois que os índios se revoltaram e expulsaram o Chefe do posto, João Franklin Mader, e trocaram o cacique que passou a ser José Domingos Paliano. Foi Paliano quem ameaçou de morte Fongreh e o obrigou a pedir demissão, expulsando-o da área.

A demissão do índio Avelino Fongreh foi arquitetada pelo cacique Paliano que com o apoio do Executor Isaltino Serpa Silvério, seu irmão João, e o genro do cacique, Adão Ferreira. Após a demissão de Fongreh — que detém certa liderança entre os caingangues — demitiram-se, em sinal de solidariedade, os índios Fioravante Fongreh, Celso Gonçalves e outros.

— Comuniquei os fatos ao Delegado Regional de Curitiba para que tomasse as medidas necessárias em favor dos índios de verdade e não do civilizado (Cacique Paliano) que se diz índio, pois o dito cacique não tem liderança sobre a comunidade. Ele se impõe com ameaças para com todos os índios. Começa a perseguição: se for funcionário, será demitido, se for índio é espancado e jogado fora da área codm ameaças que se voltar será castigado em dobro e jogado para fora da área para sempre.



Novamente denúncias de espoliação do patrimônio indígena.

Fongreh denunciou o cacique e seus asseclas de "destruírem o patrimônio indígena de duas formas: a primeira, permitindo que a serraria instalada na sede do posto extraía 290 dúzias de madeira de pinho e cerca de 100 metros cúbicos de madeira de lei, mensalmente, desrespeitando portaria do Presidente da Funai que permite apenas o abate de madeira desvitalizada. A segunda forma de destruição do patrimônio é o desgaste dos veículos que estão sendo usados para festas, bebidas na zona de meretrício.

Para ilustrar a devassidão do cacique e seus asseclas, Fongreh informou que "no Natal de 1979; o cacique reuniu seus acolitos na casa do genro Adão Ferreira para um churrasco. À tarde, todos estavam bêbados e Adão Ferreira sacou de um revólver e passou a disparar em todas as direções. O Chefe do posto, Leônidas Ferreira do Vale, tomou conhecimento da bagunça e foi até o local para evitar o tiroteio, mas acabou sendo espancado e teve que se refugiar no veículo para não ser ferido.

Fongreh também denunciou "o cacique de obrigar todos os índios ao pagamento de uma taxa que equivale a 10% da venda de sua produção agrícola sob o pretexto de comprar remédios. Ocorre que o atendimento médico e assistencial do posto é custeado totalmente pela Funai e, mesmo assim, é "simplesmente horrível". Além de extorquir dinheiro dos índios, o cacique e seus asseclas são acusados de utilizar a polícia indígena para prender e espancar todos aqueles que discordam dos métodos do cacique. A violência não poupa nem os aleijados, como o caso de Mário Portella — um caingangue surrado pelo cacique.

Por outro lado, segundo Fongreh, os índios estão revoltados com o cacique

que rouba as roças dos índios para vender o milho ou outro produto cultivado e ficar com o resultado financeiro. Finalmente, o cacique é acusado de manter preso na cadeia pública de Xanxerê um índio chamado Alcides Gonçalves, em flagrante desrespeito ao estatuto do índio que, por ser ele incapaz perante a lei, impede sua detenção em prisões comuns.

Avelino Fongreh desabafa que "sempre fui perseguido só porque tive a oportunidade de ser um pouco mais esclarecido. Será que devo pagar tão caro esse meu pequeno conhecimento por não admitir certas desonestidades que ocorrem e por isso demitido covardemente".

Agora, Fongreh está vivendo no Bairro da Gruta, em Xanxerê, e trabalhando como agregado da empresa Avícola "Seara S/A". Ele e sua família foram expulsos da área sob ameaças de morte, se regressar. Quer voltar para a área porque é índio puro e não gosta de viver na cidade. Também reclama que não recebeu o dinheiro correspondente aos seus salários e à rescisão de contrato.

Fongreh, primo do cacique Ângelo Cretan assassinado em Mangueirinha, no Paraná, reuniu todas as provas e testemunhas de que dispõe e pediu, ao Delegado Regional da Funai, a demissão do Cacique José Domingos Paliano, do seu Genro Adão Ferreira, do Executor Isaltino Luis Serpa Silvério e de seu irmão, o Auxiliar Administrativo João Serpa Silvério. Também pede a extinção da Polícia Indígena e adverte que se essa situação persistir, a reserva indígena Xapecó poderá ser sacudida por uma revolta dos índios contra o cacique e seus comparsas.

O ESTADO, 03/10/81